



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por ACILEGRA
Desenhos de A. CASTANÉ

AQUELE dia, tinham oferecido a Joa-
ninha um interessante ramo de cravos.

Cravos!... As flores de que ela mais gostava!

Cuidadosamente, foi colocar o fim-
do ramo na jarrinha que tinha na sala e contemplou-o embevecida.

De repente, despertou-lhe a aten-
ção um cravo vermelho, tão vermelho
e tão lindo que mais parecia o rei dos cravos, dos cravos seus irmãos, que o olhavam com deferência.

A noite, depois de estudar as suas lições e haver tomado chá, Joa-
ninha foi deitar-se e, em breve, adormeceu.

Pouco dormiu, contudo. Foi acordada por um ruído, provocado pela porta do quarto que se abria. Um vulto entrou e encaminhou-se para a cama onde Joa-
ninha se encontrava. Esse vulto estava envolvido num manto. Não se lhe via a cabeça, nem os pés ou as mãos. Estava todo coberto, o que contribuía para aumentar ainda mais o terror de Joa-
ninha.

Queria gritar; não podia. A voz prendia-se-lhe na garganta e os lábios mal se podiam mover. Estava pálida; os seus lindos olhos, desmesuradamente abertos, fitavam aquela aparição.

E, no silêncio daquele quarto, a voz cavernosa do monstro fez-se ouvir:

— Vem!...

Então, como uma verdadeira hipnotizada, sob as ordens do hipnotizador, Joa-
ninha puxou dum abafo, que colocou sobre a camisa de noite, e dispôs-se a acompanhar tão trágica figura.



Esta agarrou numa das mãos da pobre rapariguinha e levou-a através de corredores, campos, matas, até chegarem a uma casa isolada, no centro de um lago. Para lá chegarem, andaram por cima das águas, mas tão bém como se fosse em terreno firme.

Ao contacto daquelas mãos, Joaquinha estremeceu. Não eram de carne, não eram de esqueleto; eram de madeira! Continuava a não ver a cara da medonha figura. Ao entrarem naquela casa, que se compunha, simples-



mente, de uma divisão grande, de paredes enegrecidas, e ao meio da qual se encontrava um grande lume, o fantasma obrigou Joaquinha a sentar-se num único banco, enegrecido também, e pôs-se na sua frente, parecendo cruzar os braços.

As chamas do lume, que não tinha nem madeira, nem carvão ou outro qualquer combustível, pareciam sair do solo, como por encanto, e reflectiam-se naquela figura misteriosa, formando sombras e claridades.

O CIRCUITO DE MOTO

VIDE DESENHO NA PÁGINA CENTRAL

A grande prova, pode ser disputada entre dois concorrentes, ou o máximo seis. Cada concorrente, escolherá a moto que lhe convier para a dura prova de velocidade e resistência na parte inferior do desenho e aos lados do n.º 1 (um) Partida.

Como se verifica, cada moto tem um nome e colocado por baixo os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5 e 6 que representam a ordem da partida dos concorrentes, cuja numeração deve seguir-se, a-fim-de evitar questões. Exemplo: — Sai o n.º 1, depois o n.º 2, etc., etc.

As motos para conveniência dos concorrentes, devem ser pintadas a diversas cores para não haver desarmonia entre os concorrentes da grande prova. Dois modelos de cartão, eis as motos!

No decorrer da grande disputa, dá-se ás vezes o caso de se juntarem mais de um concorrente no mesmo número, mas este facto não importa nem tão pouco se discute, porque como todos sabem, os concorrentes por vezes vão bastantes juntos e por outras bastante afastados.

Esta terrível prova de velocidade e resistência, é determinada com o jogo de um dado e da seguinte maneira: O n.º 1 depois de ter lançado o dado, examina-o a-fim-de verificar os pontos que obteve e, após esta verificação, coloca a sua moto (de cartão) no número igual aos pontos. Exemplo: Adquiriu 3 pontos, ora o número igual é nem mais menos 3; mas isto só no começo, porque nas outras jogadas, adiciona os pontos obtidos ao número em que estiver colocada a moto.

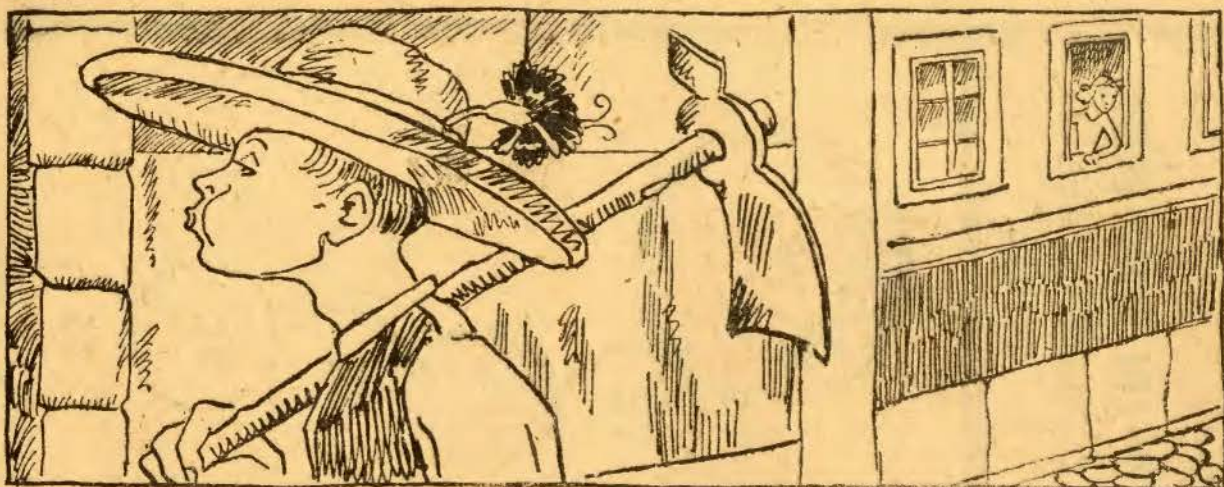
Os restantes concorrentes, jogam do mesmo modo, sendo proibido a cada um, jogar mais do que uma vez.

Todos os números indicados com uma cercadura (preta e branca) vejam-se na tabela «Quem Vencerá?»

TABELA

«Quem Vencerá»

1 Partida	
11 Duzentos km. por minuto.	Passa ao n.º 14.
15 Fatalidade	Desiste.
20 Velocidade perdida	Passa ao n.º 18.
26 Queda por uma ribanceira	Não joga mais.
29 Pneumático vasio.....	Espera que passem dois concorrentes.
38 Máximo de velocidade ..	Passa ao n.º 45.
47 Roda fóra.....	Espera que passe o segundo concorrente.
54 Queda desastrosa	Desiste.
57 Forçado e meter gasolina	Espera que passem dois concorrentes.
59 Perda de velocidade	Passa ao n.º 56.
67 Apanhado pelo comboio, escapa à morte, mas por ter ficado com a moto inutilizada	Desiste
73 Obrigado a receber curativo	Espera que passe o segundo concorrente.
78 Fatalidade.....	Desiste por falta de óleo.
80 Chegada	



Pela segunda vez, no silêncio daquela noite e no terror de Joaninha, esta ouviu a voz misteriosa do seu algoz:

— Quero o cravo vermelho que tu possuis; quero-o, porque ele representa a minha própria vida. Quero-o, porque ele é toda a minha felicidade! Quero-o, porque, sem ele, serei o eterno fantasma que tu vês. Morrerias de susto se me visses sem o manto que me cobre!

Então, ele bateu três pancadas na parede e apareceu o ramo de cravos, aquele ramo que fôra a admiração de Joaninha.

Esta correu para ele, mas — oh fatalidade! — o cravo que lhe poderia dar a liberdade não estava lá!...

Desesperada, agarrou no ramo e atirou-o para cima daquele monstro, que, cambaleando, foi cair no seio das chamas, dizendo:

— Maldita! Serás, amanhã, presa!

A estas palavras, tudo se transformou.

Joaninha viu-se, novamente, no seu quartinho, às voltas, na cama. Abriu os olhos e gritou:

(Continúa na pág. 7)

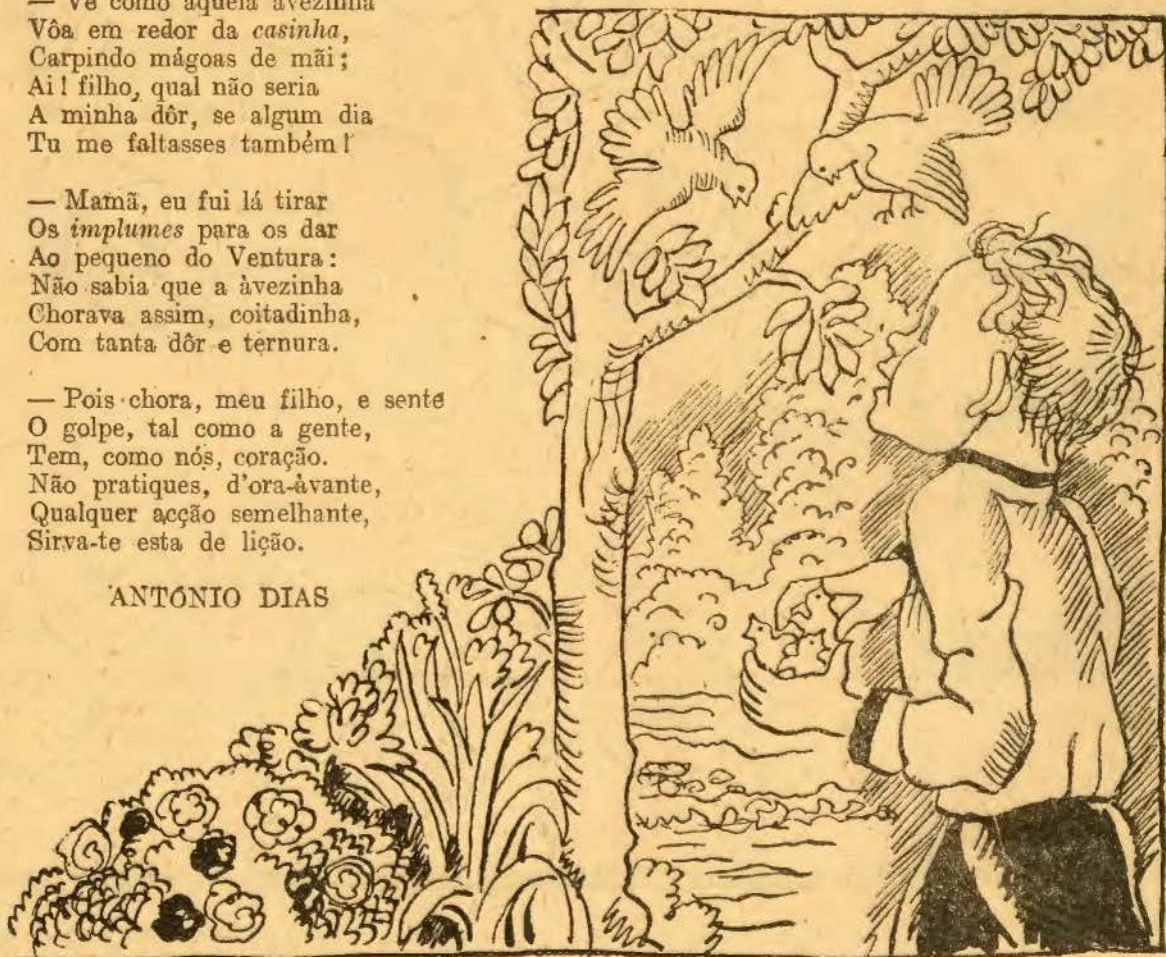
L I Ç Ã O D E M Ã E

— Vê como aquela àvezinha
Vôa em redor da casinha,
Carpindo mágoas de mãe;
Ai! filho, qual não seria
A minha dôr, se algum dia
Tu me faltasses também!

— Mãe, eu fui lá tirar
Os *implumes* para os dar
Ao pequeno do Ventura:
Não sabia que a àvezinha
Chorava assim, coitadinha,
Com tanta dôr e ternura.

— Pois chora, meu filho, e sente
O golpe, tal como a gente,
Tem, como nós, coração.
Não pratiques, d'ora-á-vante,
Qualquer acção semelhante,
Sirva-te esta de lição.

ANTÓNIO DIAS





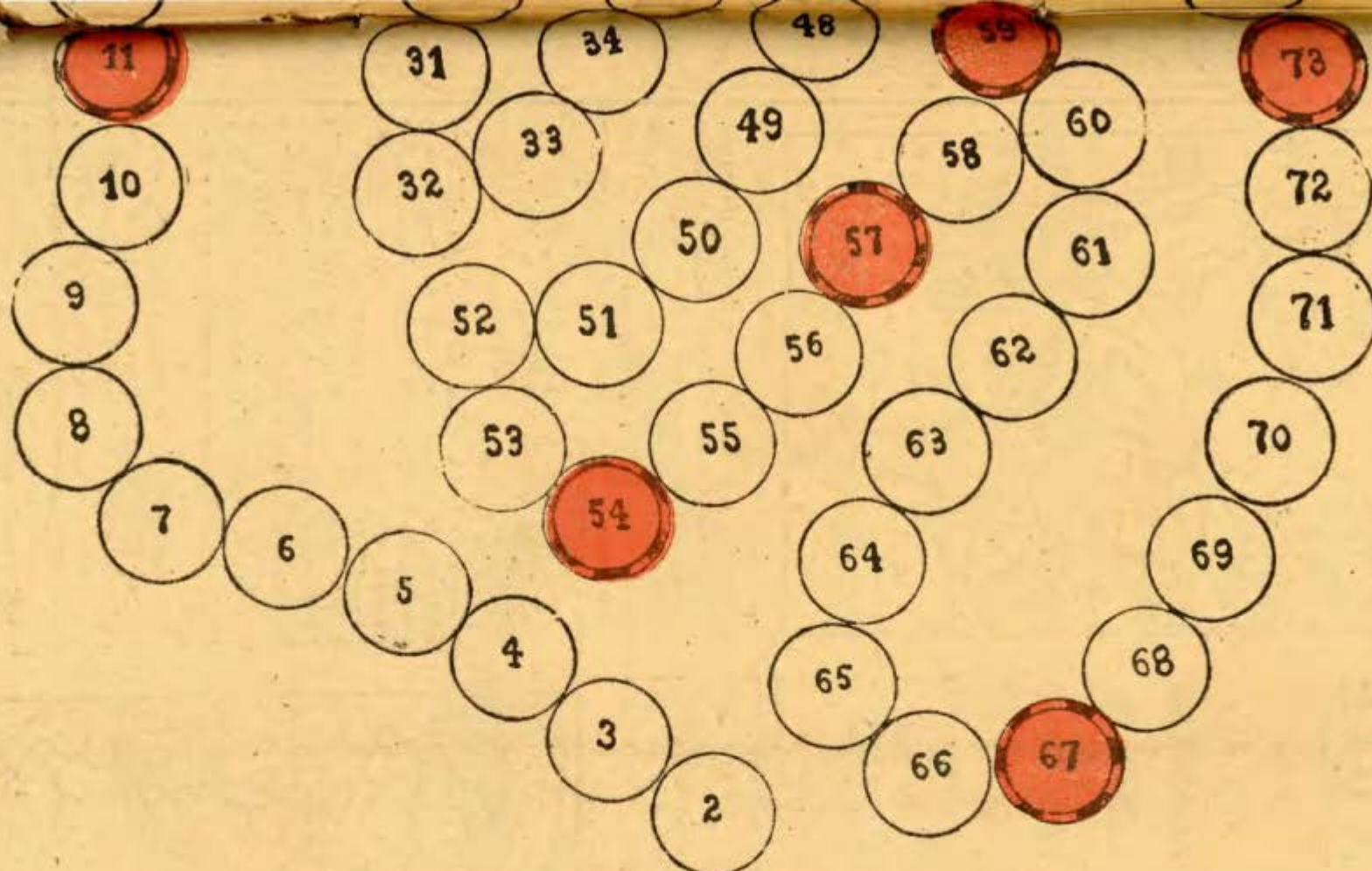
PIM PAM PUM
Suplemento Infantil da
"Século"

INSTRUÇÕES NA

12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80

SÉCULO 80

Pim Pam Pum



FREDD
NUMES
XXXI

Maria Ruth

POR

Maria Alda
Andrade Neves

DESENHOS
DE
Adolfo Castañé



Quão lindo de sol!

Na praia do Vau, grupos de crianças brincam.

Maria Ruth lá está, também, acompanhada pela bôa mãizinha, que, dificilmente a confia, a quem quer que seja. Descalçinha, os pequeninos pézitos cobertos de areia, dedica-se à

construção dum grande palácio, servindo-se, para isso, de conchinhas e pequeninos seixos que abundam na praia.

Maria Ruth é uma linda e interessante pequenita, de três anos, muito meiguinha e bondosa. O seu maior prazer é ir para a praia, para onde a



mãe, muito extremosa, a leva amiudadas vezes.

Hoje, como já disse, lá está ela toda entregue à construção do seu *grande palácio*. De repente, sente-se preza pela cabecita, por alguém que lhe tapa os olhos e que, ao mesmo tempo, lhe pergunta, numa voz que pretende disfarçar mas que ela, logo, reconhece.

— Quem é?... Quem é?...!!

E a Maria Ruth, rindo, muito satisfeita, responde:

— E' o titio Gilo.

Era, de facto, o tio Vergílio, que vinha ao encontro da sobrinha estremeçada, trazer-lhe o presente da Páscoa. Com dois grandes embrulhos na mão, pergunta:

— Adivinha o que te trago?

A' resposta negativa da pequenita, Vergílio desembulha e apresenta à sobrinha uma linda boneca. Maria Ruth, doida de alegria, distribui beijos pela mãe, pelo tio e pela boneca. O outro embrulho continha as tradicionais amêndoas, que Maria Ruth oferece aos pequeninos que a rodeavam.

Separado destes, a pequena distância, estava um rapazito, muito moreno, pobremente vestido, certamente filho de algum pescador. Os seus olhos, muito azues e vivos, pareciam devorar as amêndoas. Aproximou-se, timidamente, mas Maria Ruth esqueceu-o na distribuição das amêndoas, não lhe oferecendo nenhuma.

A sua *filhinha* — a boneca — era, agora, a sua maior preocupação. De repente, lembrou-se de simular dar um banho à boneca, para o que se aproximou do mar.

Fê-lo, porém, com tanta infelicidade, que é

surpreendida por uma onda, a qual lhe arrebatou a linda bonequinha.

Não se descreve o desespero de Maria Ruth. Parece, de facto, uma mãe chorando a perda de uma filha querida. Só o tio Vergílio consegue consolá-la, com a promessa de que lhe irá comprar outra boneca.

O petiz dos olhos azues, que presenciara a última parte da tragédia, dirige-se, então, a Maria Ruth e diz-lhe, humilde e contristado:

— Que pena ter-me afastado! Eu ter-lhe-ia salvo a sua *menina*, se chego um pouco antes. Agora, é tarde; já vai muito longe!

E olhava o mar que, meses antes, traiçoeiramente lhe havia arrebatado o irmão mais velho, exactamente como, agora fizera à boneca de Maria Ruth.

Maria Ruth, reconhecendo no rapazito o mesmo por quem há pouco não distribuira das suas amêndoas, ofereceu-lhe todas aquelas que lhe restavam.

E com a prática desta boa acção, que tão bem retratava a bondade do seu coraçãozinho, em pleno desenvolvimento para o bem, pareceu Maria Ruth conformar-se pela perda da sua querida boneca.

O CRAVO VERMELHO

(Continuação da pág. 3)

— Mãi, máizinha! Vem prender-me!

Mas, olhando bem, viu, com espanto, que tinha sonhado. Tinha sido, tudo aquilo, um sonho!

Levantou-se da cama, foi à sala onde tinha colocado o ramo e tirou o tal cravo lindo, tão lindo, e que causara um sonho tão terrível.

Dirigiu-se à janela que dava para a rua e atirou-o fóra, sem dó.

Nesta altura, passava um camponês que o apanhou e o colocou na fita do seu largo chapéu alentejano. Depois, olhando para cima, exclamou:

— Menina, chamo-me Anacleto!

Na terra do bom camponês, era costume, pelo Santo António, as raparigas deitarem um cravo da janela para a rua, com o fim de saberem o nome de quem o apanhasse.

Se fôsse de mulher, o nome correspondente, no masculino, seria o nome do seu futuro noivo. Se fôsse de homem, seria esse mesmo nome.

Ora, como se estava no Santo António, o camponês achou conveniente dizer, antes que lhe perguntassem:

— Menina, chamo-me Anacleto!

■ | ■ | ■ F I M ■ | ■ | ■

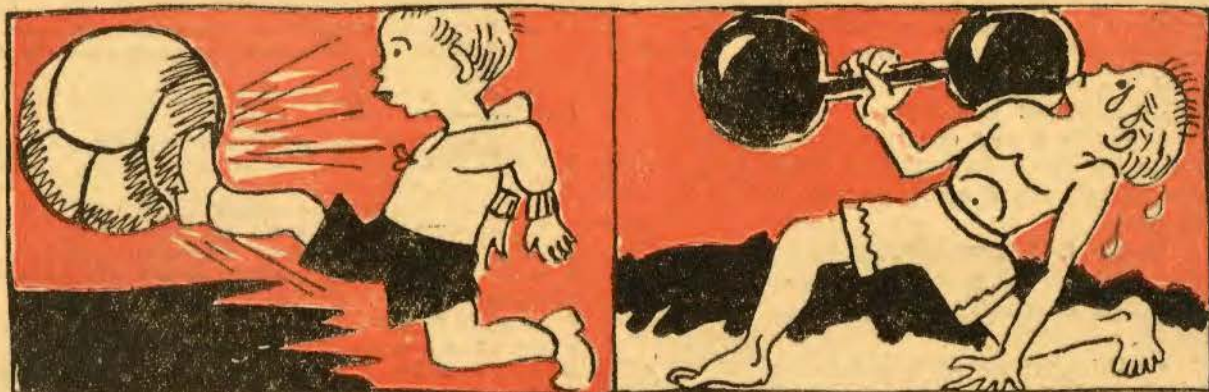
■ F I M ■

PARA OS MENINOS COLORIREM



O MACRORINO ELEFANTE (Cpstophora elephantina)

A decepção de Zé Crista



I — O desportista Zé Crista, que é natural de Valência, tem um filho a quem ministra toda a sua arte e ciência.

II — Porque diz que o exercício, que se faz com competência, sendo eficaz contra o vício, desenvolve a inteligência.

III — E tem, também, a vantagem que é uma grande virtude, de estimular a corágem, dando vigor e saúde.



IV — Um certo dia o Zé Crista, depois de háver educado na cultura desportista o seu filhinho adoradado,

V — diz ao doutor Mário Peres: — «Já tudo sabe o rapaz; pergunta-lhe o que quizeres, que ele responde, verás!»

VI — Então, o amigo, ao cuidar que ele já tudo sabia, sem, afinal, calcular a que o pai se referia,



VII — diz, sorridente — «Guilherme... — (e, logo, em doce murmúrio) — acaso, sabes dizer-me donde se extrai o mercúrio?...»

VIII — Nisto, o rapaz, junto ao pai, responde: — «Sei, sim senhor». — «Então, donde é que se extrai?» — «Dos termómetros, doutor».